

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS-UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ-CEST**

SABRINE SOUZA NASCIMENTO

**VIAGENS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE *EMIGRANTES*, OBRA DE
FERREIRA DE CASTRO**

TEFÉ-AM

2019

VIAGENS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE *EMIGRANTES*, OBRA DE FERREIRA DE CASTRO

NASCIMENTO, Sabrine Souza¹

SCHWAMBORN, Núbia Litaiff Moriz²

RESUMO

O presente artigo inserido na área de Literatura Portuguesa, versa sobre as viagens e migrações ocorridas no contexto literário da obra *Emigrantes*, publicada em 1928. A narrativa apresenta uma dimensão social que evidencia as relações estabelecidas entre Manuel da Bouça, o emigrante português e a realidade que ele encontra no além-mar, especificamente no Brasil. A obra ficcional aborda a temática da emigração portuguesa no Brasil, através da personagem protagonista Manuel da Bouça. O objetivo geral da pesquisa é apresentar uma análise, através de uma leitura crítico-literária, sobre as viagens e migrações empreendidas no contexto literário e social de *Emigrantes*, obra do escritor português Ferreira de Castro e quanto aos aspectos metodológicos, primeiramente, utilizou-se da leitura crítico-reflexiva do próprio objeto de estudo: a obra *Emigrantes* e recorreu-se também a fontes de pesquisadores e teóricos como: Todorov (2010), Spivak (1994), Gondim (2007), entre outros. Posteriormente, utilizando autores que dialogam com a narrativa portuguesa em questão, aprofundaram-se pressupostos teóricos que serviram para fundamentação da pesquisa. No trabalho acadêmico, contextualiza-se o romance neorrealista com os discursos presentes nas entrevistas de emigrantes residentes no município de Tefé, como forma de enriquecimento da pesquisa. Quanto aos resultados, pode-se concluir que a análise do romance *Emigrantes*, de Ferreira de Castro e a análise das entrevistas feitas com dois estrangeiros, um peruano e outro haitiano, levou à constatação que envolve um passado histórico, direcionado a uma realidade social vivida, ainda hoje na contemporaneidade, como é o caso das questões referentes ao processo migratório.

Palavras-chave: Viagens e Migrações. Leitura crítico-reflexiva. *Emigrantes*.

ABSTRACT

The present article in the area of Portuguese Literature deals with the travels and migrations that took place in the literary context of *Emigrantes*, published in 1928. The narrative presents a social dimension that shows the relations established between Manuel da Bouça, the Portuguese emigrant and the reality which he finds in overseas, specifically in Brazil. The fictional work approaches the theme of Portuguese emigration in Brazil, through the protagonist Manuel da Bouça. The general objective of the research is to present an analysis, through a critical-literary reading, of the trips and migrations undertaken in the literary and social context of *Emigrantes*, by the Portuguese writer Ferreira de Castro, and in methodological aspects, firstly, of the critical-reflexive reading of the object of study itself: the work *Emigrantes* and also resorted to sources of researchers and theorists like: Todorov (2010), Spivak (1994), Gondim (2007), among others. Subsequently, using authors who dialogue with the Portuguese narrative in question, theoretical assumptions that served as basis for the research were deepened. In the academic work, the neorealist novel is contextualized with the speeches present in the interviews of emigrants residing in the municipality of Tefé, as a way of enriching the research. As for the results, one can conclude that the analysis of the novel *Emigrantes*, by Ferreira de Castro and the analysis of interviews with two foreigners, a Peruvian and a Haitian, led to the finding that involves a historical past, directed to a lived social reality, still today in the contemporaneity, as is the case of the questions related to the migratory process.

Keywords: Travel and Migrations. Critical-reflexive reading. *Emigrantes*.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Letras do CEST/UEA; Bolsista de Iniciação à Docência do PIBID/CAPES; extensionista do Projeto “Estudo e aplicação de leitura e produção textual”, do Programa Institucional de Extensão (PROGEX/UEA); E-mail: sabrinenascimento23@gmail.com.

² Professora Orientadora do TCC da graduanda Sabrine Souza Nascimento, do CEST/UEA; Professora de Literatura Pan-Amazônica, do Centro de Estudos Superiores de Tefé- CEST/UEA - Universidade do Estado do Amazonas; Coordenadora de área o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES). E-mail: nmoriz@uea.edu.br.

INTRODUÇÃO

O presente artigo inserido na área de Literatura Portuguesa, intitulado “Viagens e Migrações: uma Análise sobre *Emigrantes*, obra de Ferreira de Castro”, trata sobre as viagens e migrações empreendidas por Manuel da Bouça, no contexto literário da obra do autor português Ferreira de Castro.

Durante séculos, várias nações foram descobertas por navegantes europeus que visavam a uma expansão além-mar, sempre com uma finalidade de riqueza e lucro, sobretudo, através de conquista de terras, metais e riquezas naturais, tais como especiarias. Com a chegada dos portugueses ao Brasil, no período colonial, os antigos viajantes tinham uma idealização acerca do Brasil e desse modo, pretendiam conhecer o desconhecido no além-mar em busca de melhores condições de vida.

Sendo a emigração uma questão que se repercute no Amazonas, e ao considerar que o peregrino se norteia por uma idealização subjetiva, ultrapassando seus princípios em busca de um bem maior, a presente pesquisa é relevante e atual. Contextualizando, a temática referente às migrações, no que diz respeito à atualidade, sabe-se que existe um percurso migratório de pessoas, embora com objetivos diferenciados, entre eles, o descaso político e social nos seus países de origem. Ainda como justificativa, convém enfatizar que na contemporaneidade, encontramos dilemas atuais referentes à questão dimensional da emigração com emigrantes que saem de suas pátrias, em busca do desconhecido, portanto caracteriza um problema social contemporâneo que ocorre, constantemente, na região amazônica.

Com referência às migrações empreendidas pelos viajantes do além-mar, em especial, pela personagem ficcional Manuel da Bouça, protagonista da obra portuguesa *Emigrantes*, que apresenta no contexto literário, uma dimensão social, escassa de humanização, privilegiou-se como objetivo geral, apresentar uma análise, através de uma leitura crítico-literária, sobre as viagens e migrações empreendidas no contexto literário e social de *Emigrantes*, obra do escritor português, Ferreira de Castro.

Para tanto, metodologicamente, utilizou-se, predominantemente, a pesquisa bibliográfica, com abordagem qualitativa, portanto, sem destaque para dados estatísticos ou quantificados. Com referência aos passos metodológicos, primeiramente, foi feita a leitura crítica e a análise literária da obra *Emigrantes*. Para a fundamentação teórica, recorreu-se também a fontes de pesquisadores que já discutiram o tema, tais como SPIVAK (1994), GONDIM (1997), WOLF (2004), TODOROV (2010), entre outros autores que dialogam com a questão de viagens e migrações.

Considerando que os antigos viajantes eram pessoas que saíam de suas terras, de suas pátrias, com a finalidade de buscarem no além-mar um sonho tão almejado: riquezas e melhoria das condições de vida, se fez necessário mesclar o factual da História com o ficcional da Literatura. Assim, viagens e migrações são situações que ainda acontecem constantemente no cotidiano da região amazônica. Para alcançar o objetivo geral do trabalho acadêmico, além da fundamentação teórica e análise da obra, para a contextualização e enriquecimento da pesquisa, lançou-se mão de entrevistas.

As entrevistas, que caracterizaram de forma espontânea, encontros entre a pesquisadora e entre pessoas do sexo masculino, um de nacionalidade peruana e outro de nacionalidade haitiana, possibilitaram uma contextualização atual com emigrantes que vieram para a região amazônica, mais especificamente para Tefé. Portanto, as entrevistas foram feitas mediante conversações de cunho acadêmico, com foco no tema em estudo e os resultados das mesmas revelaram um olhar e sentimentos subjetivos dos estrangeiros que, de fato, vem ilustrar o que ocorre na vivência do ficcional Manuel da Bouça, o protagonista literário de Ferreira de Castro.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Emigrantes, de autoria do escritor Ferreira de Castro, apresenta um enredo sobre a emigração da personagem ficcional Manuel da Bouça, um português nato, que saiu de Portugal para aventurar-se no Brasil. Como prosa de ficção literária, a obra está inserida na estética realista e o autor Ferreira de Castro, é o precursor do Neorealismo português. No contexto da prosa narrativa ficcional, a personagem Manuel da Bouça, em sua pátria, vivia uma situação razoável que permitia continuar suprindo as necessidades básicas humanas. Assim, o português seguia em frente com uma família por perto e com posse de terras para viver uma vida digna, com um pouco de conforto. Porém, inconsequente e ambicioso, Manuel da Bouça decide viajar ao Brasil, como se percebe na passagem textual abaixo:

- Vou até mais longe...Até ao Brasil.
 - Ao Brasil?
 - Tratar da vida que a terra só é boa para quem tem alguma coisa de seu...
- E como o outro não respondesse dentro do tempo para isso instintivamente concedido:
- Queria que tu me ajudasse a dar aí umas voltas...[...] (CASTRO, 1943, p. 87).

Desejoso de ter melhores condições para si e sua família, ao chegar ao Brasil, Manuel da Bouça, se depara com uma realidade diferente da que almejou. A sua ganância, ambição e

imprudência o levaram, posteriormente, a uma condição miserável. Desse modo, a questão de sair em busca do desconhecido, está enraizada no indivíduo aventureiro, conforme reafirmam os pressupostos de Todorov (2010, p.07): “somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia - se é que a palavra começo tem algum sentido”. Apesar de Colombo ser espanhol e ter uma bagagem de conquista marítima lusitana, o orgulho então nesse sentido é algo que já está enraizado na personagem. Considerando que os antigos navegantes eram europeus, e que as questões do além-mar são muito antigas, em nossos antepassados perpassa essa formação cultural trazida pelos antigos navegantes, em especial, pelos portugueses.

Seguindo o lema “Quem tem boca vai a Roma”, que se configura como um provérbio com o sentido de que é fácil ir a um lugar longínquo e desconhecido pela primeira vez, quando se recolhe informações, ou não se tem acanhamento de pedir orientações, constantemente sobre o rumo a se seguir.

O português Manuel da Bouça, ao embarcar no navio, rumo ao Brasil, começa a sentir uma diferenciação de classes e, a partir dessa constatação, o estímulo todo em busca de melhores condições de vida, no mais íntimo do seu coração, começa a arrefecer e a deixar uma dúvida. Fundamentando-se na segunda parte do livro *Emigrantes*, enfatiza-se o arrependimento do português ao saber das notícias trágicas relacionadas ao estado de saúde de sua esposa e da perda de suas terras, através da carta recebida, como se ilustra a seguir:

Meu querido Manuel:

Em primeiro lugar desejo que passes bem, que eu há mais de quinze dias estou doente sem me poder levantar da cama. Quem me tem valido é a nossa filha e a Zefa da Fonte, senão eu já tinha morrido para aí. Não te preveni antes para não te afligir e porque pensei que isto era coisa que passava de um dia para outro. Mas ontem estiveram na Bouça uns homens de Oliveira, parece que da justiça, e depois vieram cá dizer-me que as nossas courelas já eram do Carrazedas, porque tu não pagaste o combinado (CASTRO, 1943, p. 229).

No artigo intitulado “Emigrantes, viajantes e exilados: uma história de partidas”, Figueiredo (2008, p. 203) afirma que: “na ressaca histórica vivida antes mesmo da segunda metade do século XIX, o trabalhador português estava predestinado a ocupar o lugar de subalternidade que até então era destinado às populações negras e asiáticas”. Nesse sentido, há uma clara concepção do quanto é decepcionante para a personagem Manuel da Bouça viver e sentir na pele, a opressão e a diferenciação de classe, sendo ele um descendente direto de gloriosos viajantes do passado que sempre se consideravam superiores.

1. 1 UMA BREVE ANÁLISE LITERÁRIA DA OBRA *EMIGRANTES*, DE FERREIRA DE CASTRO

O romance pertinente à Literatura Portuguesa intitulado *Emigrantes*, de autoria de Ferreira de Castro, é narrado em terceira pessoa. Estruturalmente é composto por duas partes: a primeira parte do livro contém 15 capítulos e a segunda, apenas 8 capítulos.

O enredo começa com uma belíssima descrição da natureza na qual Manuel da Bouça, a personagem principal, aparece integrado. A primeira identificação com a terra pode ser observada até mesmo em seu nome – Manuel da Bouça – visto que "bouça" é o nome dado a um terreno, normalmente impróprio para o cultivo.

No romance, narra-se várias peregrinações da personagem, viagens que vão desde Lisboa até o Brasil. A personagem apresenta a idealização de fazer várias conquistas; de ter uma vida melhor, e isso determinava a sua vontade de alcançar seus objetivos.

O protagonista do romance passa por várias dificuldades durante a peregrinação. Aos poucos, começa a perceber como é difícil a emigração para o Brasil. No navio, Manuel da Bouça percebeu que vários outros emigrantes recebiam ordens de trabalho árduo.

Um momento importante do romance é referente ao encontro entre Manuel e um compatriota. Manuel da Bouça, ao chegar ao Rio de Janeiro, se depara com seu amigo Cipriano.

Os dois começam a conversar e o português Cipriano lhe assegura que emprego estava muito difícil e afirma também que o compatriota se arrependeu muito de ter saído de suas terras de origem. Os dois portugueses dialogam:

[...] – mas tu tens-te dado bem...?

- Eu? Eu, não. Estou cá vai pára 5 anos e o único dinheiro que tenho juntado são esses cem mil réis que mando à minha mãe, pelo Natal e pela Páscoa.

-Mas lá na terra todos te dão por estabelecido...

-Isso foi eu que mandei dizer. Todos nós mandamos dizer que estamos aqui muito bem, que é para nossa família não se afligir e para não fazermos má figura junto dos conhecidos (CASTRO, 1943, p. 142).

Sem opção e muito desiludido, o protagonista da obra, Manuel da Bouça, adapta-se às precárias condições de vida, troca experiências com outros emigrantes até mesmo com os mais antigos, que não tiveram outra opção, a não ser ficar pelo Brasil mesmo.

1.2 BREVE APRESENTAÇÃO DO *MODUS VIVENDI* DA PERSONAGEM MANUEL DA BOUÇA

O romance, como prosa de ficção, narra as várias peregrinações da personagem Manuel da Bouça. A personagem do romance *Emigrantes* revela um caráter ambicioso e, ao mesmo tempo, idealista: almeja fazer várias conquistas e, conseqüentemente, obter uma vida melhor. Independente das circunstâncias, leva em frente a decisão referente à sua jornada de chegar ao Brasil, prevalecendo, desse modo, sua vontade e objetivos, em primeiro lugar.

Através da leitura e análise da obra, constata-se que o protagonista do romance passa por várias dificuldades. Em sua peregrinação, Manuel da Bouça começa a perceber como é difícil submeter-se a um processo de emigração. No romance, revela-se claramente o papel da subalternidade e da corrupção: Nunes, o transportador dos emigrantes, trama com o colega Borges, a difusão de notícias atraentes, mas inverídicas com referência à emigração no Brasil. Nunes ordena que Borges afirme, em um dos seus anúncios, que a Emigração para o Brasil traz grandes riquezas, ao contrário do que Borges efetivamente tinha conhecimento.

Nunes configura-se como explorador, ganha fortuna “em cima” dos emigrantes. Sobre a questão, Spivak (2010, p.70) afirma que os oprimidos somente conhecem suas reais situações, “se tiverem a oportunidade [...], e por meio da solidariedade, através de uma política de aliança, podem falar e conhecer suas condições”. Acerca da solidariedade, Manuel da Bouça, ainda em Lisboa, recebe hospedagem do amigo Custódio, dias antes de sair rumo ao seu destino. Enquanto esteve ao seu lado, sentiu-se bem acolhido por alguém que contemplava seu sonho. O emigrante português não imaginaria que essas seriam as únicas lembranças boas de uma vida sofrida vindoura.

No navio, Manuel da Bouça percebeu que vários outros emigrantes recebiam ordens de trabalho árduo. Um momento importante do romance é referente ao encontro entre Manuel e um compatriota. Manuel da Bouça, ao chegar ao Rio de Janeiro, se depara com seu amigo Cipriano. Os dois começam a conversar e o português Cipriano lhe assegura que emprego estava muito difícil e afirma também que o compatriota se arrependerá muito de ter saído de suas terras de origem. Desse modo, não havia outra opção ao pobre emigrante Manuel, a não ser aceitar os trabalhos mal remunerados de lavoura. Diante do inusitado, “a constatação da diferença franqueia o avanço ao desconhecido” (GONDIM, 2007, p. 50). Manuel da Bouça, cujo termo português “bouça” significa terreno limitado, terra onde medra mato, desiludido, já não alimenta “a ambição profunda que cavava nas almas” (CASTRO, 1943, p. 30).

Acerca da desvalorização do “outro”, a teórica Spivak afirma que há uma tendência própria, do sujeito europeu de “constituir o ‘Outro’ como sendo marginal ao etnocentrismo e localizar esse como sendo o problema de todos os esforços logocêntricos e, por conseguinte, também de todos os gramatológicos”. De acordo com Spivak, não constitui um problema geral, “mas um problema europeu” (SPIVAK, 2010, p.107).

No Brasil, Manuel da Bouça, devido às precárias situações vivenciadas e devido aos trabalhos árduos, ficava constantemente enfermo; é nessas horas que ele percebia o quanto sua família era importante.

A personagem Manuel da Bouça vai se adaptando às precárias condições de vida, passa a trocar experiências com outros emigrantes, até mesmo com os mais antigos, e por orgulho e por vergonha, se recusa a voltar à sua terra de origem. Nessa perspectiva, tanto Manuel da Bouça, quanto os demais emigrantes não tiveram outra opção, a não ser ficar pelo Brasil mesmo. Assim, as condições oferecidas ao português Manuel da Bouça tornam o estrangeiro como o “outro”. Com uma vida “assujeitada”, o emigrante tende a se submeter aos mandos e desmandos, contudo, o fato de ser estrangeiro não justifica ser tratado de modo inferior: “– Nem que tivesse de trabalhar como um negro! – Não é o suficiente! Eu pensei fazer-me descarregador de carvão, mas vi que não valia a pena” (CASTRO, 1943, p.144).

Na narrativa, Manuel, diante do seu novo “*modus vivendi*”, passa a fazer indagações: “Ganhava-se seis mil réis por turno. Já me convenci de que ninguém enriquece só com seu trabalho. – Mas isto é assim em todo o Brasil? – Eu estou em dizer que é em todo o mundo. Quando a gente é pobre...” (p. 144). Nesse sentido, vemos nitidamente que o português já observa as questões relacionadas ao suborno e à corrupção: “Já me convenci de que ninguém enriquece só com seu trabalho”. Na fala do estrangeiro revoltado: “– Mas isto é assim em todo o Brasil?” Se revelam as mazelas relacionadas às questões sociais, no contexto histórico e literário vivido naquele século e as questões políticas não supriam a necessidade do “outro”, ocasionando a prática da barbaridade e a corrupção, e promovendo também o desmerecimento de classe.

1.3 MIGRAÇÕES EMPREENDIDAS NO CONTEXTO LITERÁRIO DE *EMIGRANTES*

Com referência à obra portuguesa do renomado escritor Ferreira de Castro, apesar da firme convicção do emigrante português Manuel da Bouça de conseguir traçar o desconhecido e manter firme seu lema de “Quem tem boca vai a Roma”, ao se deparar com as primeiras dificuldades, sentiu uma certa tensão sobre sua grande e subjetiva decisão, como se observa

no fragmento textual: "Manuel da Bouça desceu, atravessou a prancha que ligava a escada ao rebocador e, já lá dentro, indeciso, receoso naquele primeiro contato com a embarcação" (CASTRO, 1943, p. 97). Analisando a obra, constata-se que o emigrante europeu sentiu, com frustração, a preliminar de surpresas negativas que nem sequer imaginava vivenciar. Por momentos, o cenário do desconhecido lhe imprimia medo, incertezas e arrependimentos.

Durante o percurso da viagem, o emigrante português Manuel da Bouça, observou inúmeras situações de miséria com os emigrantes que estavam no navio. Os emigrantes, na verdade, viviam verdadeiros horrores no convés, eram tratados de maneira insignificante, fora que era escasso de zelo. O narrador da obra em estudo afirma que "toda a terceira classe era negra, viscosa e sufocante" (CASTRO, 1943, p. 101). A frase também revela preconceito com referência aos negros.

Pelas passagens textuais do romance, constata-se uma diferenciação de classe social: os pobres, os negros e os emigrantes eram tratados de forma desumana e discriminatória: "o convés nunca secava: sempre negro, úmido e escorregadio" (p. 101). Na narrativa, a terceira classe onde estavam os emigrantes era comparada a "um curral flutuante, onde se comprimia grande rebanho" (p. 102). A cada paragem, tudo às vistas dos emigrantes, se fazia menos belo, era uma realidade diferente daquela que eles vivenciavam. Quando atracavam em algum porto, passavam por inúmeras inspeções como se fossem ratos de laboratórios: "do lado da Baía estava atracado ao navio um rebocador, para levar os emigrantes à Ilha das Flores, onde deviam sofrer rigorosas quarentenas" (p.120). Nesse sentido, a quarentena, naquela época, era uma forma de repressão aos emigrantes. No navio em percurso, os emigrantes italianos, russos, chineses, espanhóis e portugueses tinham o mesmo sonho dourado.

Prosseguindo seu percurso além-mar, Manuel da Bouça chegou a Santos, na cidade de São Paulo. Sobre a cidade, o próprio autor da obra afirma que o Estado de São Paulo "orgulhava-se de possuir a legislação mais completa, mais liberal e humana de todas as que existiam, nos outros países, sobre emigração" (CASTRO, 1943, p. 131).

Riquíssimo, com terras de uma fertilidade assombrosa, onde a natureza se encarregava de facilitar o trabalho do homem, São Paulo dispensava aos emigrantes uma proteção eficaz, desde que eles chegavam a Santos até encontrarem maneira de ganhar a vida. O Estado transportá-los-ia, hospedando-os, sustentando-os e, por fim, colocando-os, com a única condição de que se entregassem a trabalho de lavouras (CASTRO, 1943, p. 128).

Nessa concepção, o emigrante português depositava toda a sua idealização sobre o Brasil ser a terra mais próspera, no entanto, ao contrário disso, se deparou com uma realidade totalmente diferente, pois não teve outra opção, a não ser a de se submeter aos trabalhos

forçados em lavoura, algo que o Estado político de São Paulo, naquele período, usava como forma perversa e desumana de enganar os emigrantes.

Conforme o teórico Todorov, o desejo, sobretudo, desses emigrantes era não só descobrir o desconhecido, mas se beneficiar das riquezas que poderiam encontrar na terra do exílio: “é com a promessa do ouro que ele acalma os outros em momentos difíceis” (TODOROV, 2010, p. 10). Contrário aos sonhos alimentados pelos emigrantes, os administradores encarregados de empregá-los, tratavam estes de forma rigorosa, desumana e sem nenhum direito. Manuel da Bouça sentiu na pele o fato de ser estrangeiro marcado por uma hierarquia que ignora o que é certo para aceitar o certo que lhes é apresentado.

1.4 A QUESTÃO DA EMIGRAÇÃO NO CONTEXTO ATUAL, SOBRETUDO, NO AMAZONAS

Sabe-se que vários viajantes que embarcavam no além-mar em busca de algo desconhecido até então, na verdade, encaravam essa empreitada como título de honra. Desejavam acumular riquezas e muitos tinham intenção de regressar à terra natal. Atualmente, os navegantes emigrantes não se diferem dos seus antepassados, assim observamos os fatos através da mídia que, durante o século XX em diante, revela a questão da emigração como um fenômeno que se tornou constante no mundo. No contexto atual, um país alvo desses emigrantes é o Brasil. A chegada de estrangeiros ao país e especificamente ao norte da Amazônia, data desde a época dos seringais que abasteciam os bolsos dos coronéis de borracha.

Dentre tantos anos, já perpassados desde o tempo da colonização, a nação brasileira, em especial a Amazônia, já era vista como o “*El Dourado*”. De acordo com Moriz (2017), desde “a expedição de Francisco de Orellana, ao descer pela primeira vez o rio, a partir do Peru”, já havia interesse dos estrangeiros pelas riquezas amazônicas. E assim, depois que o país se tornou independente de Portugal, muitos emigrantes chegaram e continuam chegando até o nosso país em busca de refúgio.

Um exemplo, é o caso dos haitianos que depois de serem acometidos no ano de 2010, por um turbulento terremoto, chegaram ao norte do Brasil para aqui se estabelecerem. Em conformidade com Campos (2011, p. 08) “contextualizar o migrante a partir de nossas experiências e entendimentos, é esquecer que esse ser traz consigo um arcabouço de experiências, (in) certezas, sonhos, desejos e ilusões”.

Sendo assim, percebe-se que, no contexto atual, ao contextualizar o emigrante é necessário saber que há vários motivos que os levam a emigrar. Outro aspecto de migração mais recente é referente à chegada dos venezuelanos por questões políticas e econômicas, sobretudo em Roraima.

Para entendermos bem a questão dessas transições é necessário sabermos diferenciar as nomenclaturas como: Migração, Emigração e Imigração. O termo Migrante refere-se à pessoa que se transfere de seu lugar habitual, de sua residência comum para outro lugar, região ou país. É um termo comumente usado para definir as migrações em geral, tanto de entrada, quanto de saída de um país, região ou lugar, não obstante existam termos específicos para a entrada de migrantes – Imigração – e para a saída – Emigração³.

Muitos se deslocam para o Brasil com a concepção de que é um país onde se tem muito trabalho e se pode ganhar bastante dinheiro; almejam qualidade de vida adequada para si e para a família, possibilidade de estudo e alimentam o sonho de se profissionalizarem para, enfim retornarem ao seio familiar e ao seu lugar de origem. Para outros, o Brasil configura-se como uma base para permanecer por algum tempo, um lugar onde se pode conseguir migrar para outros países.

Esses emigrantes recém-chegados ao Brasil, especificamente na região amazônica, sofrem julgamentos referentes à condição social, porém eles escolheram se estabelecer aqui por um motivo maior: procura de prosperidade, cujo pensamento tem uma raiz desde o período colonial. Conforme pesquisas de Neide Gondim, buscava-se o paraíso:

que representava o sonho sempre perseguido de viver eternamente, longe das pestes e da fome, sem necessidade de trabalhar, pois aquele lugar prodigioso, com uma só estação perdurando o ano inteiro, tinha árvores que produziam sem cessar e eram banhadas por rios perenes (GONDIM, 2007, p. 27).

Desta forma, a autora apresenta o Brasil, mais especificamente a Amazônia, como o refúgio daqueles que necessitam de várias oportunidades de sobrevivência. Convém destacar que, muitos deles decidiram emigrar, não por livre vontade, e, desse modo, adentraram na atividade de comércio, visto que os antigos emigrantes (brancos europeus) vinham com a expectativa de trabalharem em uma profissão superior, que era justamente a comercialização.

Há séculos, os migrantes considerados refugiados buscam fugir das perseguições políticas e violências extremas que ocorrem em seus países; os haitianos fugiam de uma catástrofe ambiental e, assim mais de 6.000 haitianos entraram no Brasil por questões

³Rodrigues; Freitas & Mozine. **Migrações ambientais e direitos humanos: o discurso da mídia de massa e os Haitianos na Amazônia.** 7º encontro anual da ANDHEP- Direitos Humanos, Democracia e Diversidade. Curitiba (PR) – 2012.

humanitárias. Conforme Mamed (2016, p. 86), “independente da forma utilizada, o fato é que o imigrante haitiano chegava ao Brasil com a necessidade imperiosa de trabalhar para quitar o endividamento contraído e enviar remessas para a sobrevivência dos familiares que permaneceram na terra natal”. Quanto à imigração referente aos países vizinhos, em especial o Peru, o próprio Brasil ainda é visto como o mitológico “*El Dorado*”, um lugar propício para acumular riquezas.

1.4.1 Emigração no Amazonas: uma contextualização por meio de entrevistas, realizadas no município de Tefé/AM.

Como forma de enriquecimento e de contextualização da pesquisa acadêmica, recorreu-se à utilização de entrevistas efetuadas com dois emigrantes de diferentes nacionalidades. As questões relacionadas às viagens e às migrações que constituem trama na obra literária *Emigrantes*, ainda constituem temáticas inseridas na atualidade.

Conforme vimos na obra literária, Manuel da Bouça, como emigrante, sofreu diversos preconceitos e vivenciou situações não almejadas por ele. Sobre a questão, o Jornal Diário do Amazonas, de 31 de maio de 2019, “uma parcela ainda sofre discriminação, ganha pouco e desconhece seus direitos”.

Com fins de ilustrar a contextualização do tema em estudo e assim relacionar as perspectivas do emigrante português Manuel da Bouça no século XX, recorreu-se às entrevistas com emigrantes contemporâneos, estabelecidos no Amazonas, precisamente no município de Tefé, em pleno século XXI. Sobre a importância do instrumento selecionado, já foi enfatizado por Lakatos; Marconi (2010, p. 195) que pelas entrevistas é possível obter “informações a respeito de determinado assunto”. Desse modo, primeiramente, foi feito um contato inicial com os dois emigrantes e através de uma conversação coloquial, ambos concordaram em contribuir com a pesquisa. Não houve nenhuma resistência acerca da participação deles, eles próprios sugeriram datas para a efetivação da entrevista, que foi realizada através do direcionamento de perguntas objetivas e subjetivas como: O que levou você a sair do seu país? Como você empreendeu essa mudança de saída do seu país até chegar ao Amazonas? Que dificuldades encontrou, especificamente, no percurso até chegar a Tefé? Qual a sua concepção sobre a viagem? E como pergunta primordial: Por que você está atualmente em Tefé e o que encontrou aqui para permanecer até hoje?

Sobre os sujeitos da pesquisa, os entrevistados, após receberem informações detalhadas sobre a pesquisa de cunho acadêmico, tanto o haitiano quanto o peruano, fizeram

questão de contribuir e não se opuseram às perguntas, revelando inclusive, dados bastante pessoais. Após as entrevistas, ambos permitiram espontaneamente os registros fotográficos, contudo por questões éticas, usaremos nas entrevistas as seguintes identificações: **primeiro entrevistado** e **segundo entrevistado**.

A entrevista feita com o emigrante peruano foi realizada em 15 de maio de 2019. O **primeiro entrevistado** (V. A. N. R.) é de nacionalidade peruana, exerce a profissão de sapateiro e está em Tefé há dez anos. O entrevistado tem uma clara concepção do que o levou a sair do seu país: *“Foi a questão econômica. Trabalho e conhecer outro país, né? E muito, pelo conhecimento do programa de televisão do Peru, que através do Brasil, a cidade, as pessoas tudo isso...”* (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 15/05/2019).

O **primeiro entrevistado** continuou: *“Então, me motivou, né? Vários fatores entre trabalho, conhecimento do Brasil e através da cultura brasileira, é bacana, legal!”*. As respostas dadas foram usadas para a formulação de outras perguntas. Desse modo, a pesquisadora perguntou como era o modo de vida dele no país de origem. O primeiro entrevistado afirmou que seu modo de vida no país de origem *“era difícil, porque é precário né? Negócio de trabalho, convívio entre... né? Digamos em alimentação e essas coisas, difícil...”* Sobre como o entrevistado compreendeu a mudança, a saída de seu país ele afirma que *“de primeiro foi uma aventura”*.

mas depois, com o tempo... foi passando, eu estava longe da minha família, do meus país, era um lugar que não era meu, não me acostumava, né? Aí, como foi uma aventura de começo, sei que foi difícil sim, mas depois começou a ser fácil, porque eu conheci pessoas, conheci minha esposa e tudo isso, mas sim, foi difícil no começo... começou com uma aventura, depois foi difícil, ter saudade da minha família, onde eu morava e tudo isso fui se acostumando (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 15/05/2019).

E continuando com a entrevista, foi perguntado qual foi o percurso até chegar especificamente em Tefé e o entrevistado disse que *“a viagem foi tranquila porque meus tios tinham essas condições de me trazer, o que não foi legal foi minha entrada, foi ilegal, o aspecto positivo foi de pessoas, fui bem tratado, bem amáveis”*. Ao comparar com a personagem ficcional Manuel da Bouça, o primeiro entrevistado foi melhor recebido, como ele próprio enfatiza: *“fui bem tratado, bem amáveis”*. Por fim, fez-se a pergunta subjetiva, sobre o porquê ele está atualmente em Tefé e o que faz para permanecer até hoje aqui, ele respondeu *“é o seguinte, eu já andei tudinho a maioria do Brasil, de Tabatinga até Manaus, eu acho bom estar em Tefé, porque tenho um trabalho bom, as pessoas são ótimas, educadas”* (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 15/05/2019).

O **segundo entrevistado** (A. A), de nacionalidade haitiana, está em Tefé há oito anos. Em entrevista, realizada em 26 de maio de 2019, afirma que o que levou a sair do seu país foi a procura por um trabalho a altura, visto que o mesmo possui curso superior, como bem explica:

Então, o que me levou para vim no Brasil é que estava no Haiti, trabalhando e trabalhando, trabalhando... E, de repente que eu tinha uma prima minha, que já tava no Brasil. Como ela sabia que sou um trabalhador honesto, que era tudo próximo de um com outro, acontece que ela me pediu pra mim se eu posso chegar até no Brasil pra trabalhar. Aí eu falei, como é? Bom ou pouco bom, pelo financiamento na época (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019).

E o **segundo entrevistado** continuou: “E meu destino era esse, pra ter venha aqui no Brasil, pra trabalhar e ajudar minha família”. O segundo entrevistado veio ao Brasil em busca de trabalho, mesmo tendo conhecimento acadêmico. O mesmo afirmou em entrevista ser engenheiro, mas deixou “seus documentos” no Haiti: “eu esqueci de trazer meus documentos e por enquanto não consegui trabalhar pela engenharia” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019). De acordo com o Jornal Diário do Amazonas, uma pesquisa inédita afirma que “a maioria dos refugiados no Brasil trabalha, tem nível de escolaridade acima da média brasileira”.

O **segundo entrevistado** enfatiza como era a sua vivência cotidiana no Haiti:

[...] meu pai tem uma casa bem grande que eles vivem de vender picolé, sorvelito e também pegava uma caixa na rua botando na minha cabeça. Decido vender também junto com papai madrugada que seja, trabalhando e de repente vai vendendo, economizando, também estuda, ao mesmo tempo trabalha e estuda também, para poder chegar no ponto que a gente quer chegar na vida (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019).

Para falar sobre a saída de seu país até chegar ao Amazonas, o haitiano respondeu que “conseguir chegar até o Brasil com meu próprio conhecimento, com minha própria educação porque a gente chega a conversar com os policiais federais. Mas sofre mesmo assim, porque a gente chega no país que não tem mãe e pai, e sem emprego” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019). O **segundo entrevistado** reafirma seu sofrimento: “*a gente sofre, que vai passar uns dias até meses, anos. E até hoje vivo a sofrer pra conseguir um trabalho bom pra viver com minha família, mas não consigo...*” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019). Em continuidade, o **segundo entrevistado** rememora um fato triste ocorrido em Tefé. “*Um dia, logo que eu cheguei, eu tava trabalhando como jornalista [...] chegamos no restaurante Stylo e um homem, que não me lembro o nome, mas*

era da ‘marinha’ fez a primeira ruindade de sofrer negócio de racismo” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019).

Sobre o percurso e a concepção de viagem em se tratando do que passou de bom e/ou ruim, o **segundo entrevistado** afirmou: “*o que passou de bom também é que quando cheguei aqui em Tefé, algumas pessoas da Igreja me acolheram bem, me respeitaram, me dão carinho que nunca percebi que eu ia encontrar em Tefé, nessa cidade maravilhosa*”.

Constatamos, através das entrevistas e relacionando-as ao contexto literário do romance *Emigrantes*, que as viagens e migrações são feitas, com o intuito de melhores condições de vida, tal qual a personagem literária Manuel da Bouça, ao empreender viagem ao além-mar.

2 METODOLOGIA

No caminho metodológico foi utilizado, predominantemente, a pesquisa bibliográfica, cuja finalidade “é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 166). A abordagem da pesquisa é qualitativa, portanto, não trabalha com dados estatísticos, nem quantificados. De análise subjetiva, requereu o máximo de envolvimento por parte da pesquisadora e foi voltada para a produção de “grandes quantidades de dados narrativos” (FIGUEIREDO, 2008, p. 97). Sendo assim, com referência ao método da pesquisa, o método utilizado foi dedutivo, visto que se adequa aos objetivos da pesquisa por ser um “método que parte do geral e, a seguir, desce ao particular” (PRODANOV, 2013. p. 27).

Desse modo, os passos metodológicos inseriram, primeiramente, a utilização da leitura crítico-reflexiva e análise literária do próprio objeto de estudo que se constituiu da obra *Emigrantes*. Na revisão da literatura, recorreu-se também a fontes de pesquisadores e teóricos que fundamentaram o tema, como: Todorov (2010), Spivak (1994), Gondim (2007), Wolf (2004), entre outros autores que dialogam com a questão de viagens e migração que é um dilema encontrado na historicidade.

Acerca dos teóricos que dialogam com a temática da narrativa portuguesa, a leitura de Todorov (2010), nos mostra os escritos sobre a viagem de Colombo, suas conquistas e descobertas que, no decorrer de sua peregrinação apresentou fatos até então desconhecidos, supondo em seus relatos que havia uma causa para sua ambição; a de uma comunicação com “os outros” e os fenômenos naturais, percebendo ele, na verdade, que os nativos eram

generosos e com concepções totalmente diferentes das dele. Colombo descobriu a América, mas não os americanos, servindo até então seus escritos como crítica moralista.

Sobre o tema, Wolf (2004) teoriza sobre Civilização e Barbárie, e o modo como vem se formar dentro de uma sociedade. Desse modo, constatou-se que se dá em torno do poder, ao afirmar que o bárbaro é “o outro”, aquele que vem de fora, o estrangeiro, mas isso vem ser contraditório para quem pratica a barbaridade. Gondim (2007), mostra-nos que a invenção da Amazônia, se gerou através de histórias inventadas como lendas e mitos, contadas por muitos viajantes, que navegaram por vários mares trazendo consigo, especiarias e conhecimentos diversificados. Logo, essas viagens e migrações e o desejo de conquista e de poder podem ser destrutivas e devastadoras para civilização.

O presente trabalho acadêmico que versou sobre a temática: viagens e migrações, inserido na área de literatura, relaciona-se à linha de pesquisa Literatura Portuguesa: representações histórico-sociais e culturais no contexto literário e tem como título “VIAGENS E MIGRAÇÕES: UMA ANÁLISE SOBRE *EMIGRANTES*, OBRA DE FERREIRA DE CASTRO”. Quanto à escolha do tema, a motivação surgiu através da participação da pesquisadora no Programa de Iniciação Científica (PAIC), do Centro de Estudos Superiores de Tefé (CEST), unidade acadêmica da Universidade do Estado do Amazonas (UEA) e pelo interesse acerca das obras do escritor português Ferreira de Castro, também autor de *A Selva*, publicada inicialmente em 1930. No Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), o tema foi trabalhado com um “novo olhar”, contudo, a principal referência para ilustrações textuais e para a análise literária se fundamentou, primordialmente, na obra *Emigrantes*, de Ferreira de Castro.

Para alcançar o objetivo geral da obra que assim se constituiu: apresentar uma análise, através de uma leitura crítico-literária, sobre as viagens e migrações empreendidas no contexto literário e social de *Emigrantes*, obra do escritor português, Ferreira de Castro, além da fundamentação teórica, para o enriquecimento da pesquisa, lançou-se mão de entrevistas. A entrevista, segundo Lakatos; Marconi (2010) constitui “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. As teóricas ainda afirmam que se trata de “um procedimento utilizado na investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (LAKATOS; MARCONI, 2010, p.195). Sendo assim, a entrevista é uma técnica fundamental que vai contribuir com a contextualização teórica da pesquisa.

Considerando que os antigos viajantes eram pessoas que saíam de suas terras, de suas pátrias, com a finalidade de buscarem no além-mar um sonho tão almejado: riquezas e melhoria das condições de vida foi necessário mesclar o factual da história com o ficcional da literatura. Assim, viagens e migrações são situações que ainda acontecem constantemente no cotidiano, portanto para possibilitar uma contextualização atual, recorreu-se às entrevistas com emigrantes que vieram para a região amazônica, mais especificamente para Tefé.

A técnica utilizada, portanto, é histórica e de acordo com Prodanov (2013, p. 36), “o foco está na investigação de acontecimentos ou instituições do passado, para verificar sua influência na sociedade de hoje; considera que é fundamental estudar suas raízes visando à compreensão de sua natureza e função”.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com o trabalho acadêmico, analisou-se o contexto literário e social da obra *Emigrantes*, em relação às viagens e migrações, empreendidas pelo protagonista Manuel da Bouça. Constatamos com a análise crítico-literária da obra, que o protagonista como emigrante vai, resignadamente, adaptando-se às precárias condições de vida no Brasil. Doente, sem condições físicas, orgulhoso (característica própria do europeu), e sobretudo, por vergonha de não ter feito fortuna no Brasil, Manuel da Bouça se recusa, inicialmente, a voltar à sua terra de origem, já que não tem o que oferecer à família. Após ouvir a leitura da carta enviada por sua mulher Amélia, comovido e arrependido, Manuel da Bouça exclama: “- Sou muito desgraçado! Sou muito desgraçado, senhor Fernandes! Antes nunca tivesse saído de casa!” (CASTRO, 1943, p. 230).

Com a análise da obra em estudo, publicada em 1928, constatamos que o protagonista, inicialmente desejoso de ultrapassar o além-mar em busca de riquezas, não encontra no Brasil, as oportunidades esperadas. Submetido à exploração por ser emigrante, desiludido e envergonhado, conforma-se em trabalhar nas fazendas ganhando miseravelmente. Orgulhoso, não sentia vontade de retornar à terra natal: “como podia ele voltar a Portugal, ganhando tão pouco, tão pouco?...” (CASTRO, 1943, p. 187). Desse modo, pesou para o protagonista a consequência de um sonho idealizado, mas não realizado satisfatoriamente.

Conclui-se, com referência à emigração, os poderes estatais não suprem e dificilmente vão suprir a necessidade do “outro”. Todorov (2010) mostra que nunca podemos descobrir o “outro”, simplesmente porque não se descobre aquilo que já existe. Sendo assim, a emigração, como um processo infinito que o estrangeiro continuará fazendo enquanto ser pensante,

mostrou-nos o quanto os viajantes de uma época distante já idealizavam um objetivo considerado um bem maior, o acúmulo de riquezas e bens materiais, o que vem dialogar com os estudos de Neide Gondim (2007) que apresenta a Amazônia, na concepção daquele que não conhece o desconhecido como o paraíso, sobretudo, na visão dos antigos viajantes do além-mar e esse mito perpassará ao longo do processo de viagens e migrações empreendidas ao Brasil.

Nos estudos de Spivak (2010), vemos a relação dos sujeitos subalternos, que se calavam e ainda se calam por situações de busca. O ficcional Manuel da Bouça se calou diante dos sonhos não realizados. Numa perspectiva do tema migrações, constatou-se por meio da entrevista, gentilmente cedida à pesquisadora pelo haitiano, que o mesmo também silenciou diante das preconceituações sofridas, apesar de ter sofrido racismo, ele “deixou prá lá e entregou na mão de Deus”. O entrevistado em questão, em sua fala, denota ter conhecimento de seus direitos, visto que, conforme rege o Artigo 5, da Constituição Federal (1988): “todos são iguais perante à lei sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no país, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

Com as entrevistas efetuadas, entendeu-se que a temática relacionada às viagens e migrações, são assuntos inseridos na atualidade e que a região amazônica foi, nos primórdios e é atualmente alvo de emigração. As entrevistas efetuadas com os estrangeiros, um de nacionalidade peruana e outro de nacionalidade haitiana deixam claro que o Brasil é visto como um país fácil de fazer fortuna. Embora o ficcional Manuel da Bouça, ao sair de Portugal no século XX, se confronte com uma realidade adversa, os dois entrevistados encontram no Brasil, especificamente em Tefé, motivos para não voltarem a seus países de origem. O peruano até confirma que não pretende mais voltar: “*eu não saio daqui, porque tenho muitos anos já trabalhando com minha família, se fosse ruim, não estaria aqui*” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 15/05/2019).

Perguntado ao haitiano por que está atualmente em Tefé e o que encontrou aqui para permanecer até hoje, ele responde: “*Bom, pelo bom fruto que encontrei em Tefé, arranjei uma família que sempre quis [...]*”. O entrevistado afirma que chegou em 8 setembro de 2011 e “*sempre queria ter uma família, cheguei até a ser namorado, mas a partir do momento que encontrei minha esposa com dois filhos, então a gente já conseguiu uma fruta ‘bona’*” (Entrevista concedida à pesquisadora. Tefé/AM. 26/05/2019).

Com a análise da obra, constata-se que um dos motivos do sofrimento do português Manuel da Bouça é justamente estar longe da sua família, da filha e da esposa:

“A Deolinda...Coitada! A Amélia... Não poder trazê-las consigo, levá-las por esse mundo de Deus, mas sem lhes faltar nem eira nem beira! Seria bom, seria bom...” (CASTRO, 1943, p. 82). Sobre a importância da família, o haitiano reafirma: “*Então a parte bom em Tefé é que também a gente tem família e faz qualquer coisa na vida pra poder viver, a gente faz... só basta a gente economizar*”. Portanto, o segundo entrevistado, embora quisesse um trabalho “a sua altura”, já que é detentor de um diploma de engenharia (que ficou no Haiti), deixa claro que qualquer trabalho honesto é suficiente para ele viver e desse modo, ficar ao lado da família já construída em Tefé.

Conclui-se que as migrações empreendidas, tanto no contexto literário da obra *Emigrantes*, cuja primeira edição data de 1928, quanto no cenário contemporâneo apreendido através das falas dos sujeitos entrevistados, a questão migratória mais que uma decisão é também uma necessidade: todos saem de suas terras em busca de melhores condições de vida. Todos têm a concepção de que os levou a migrarem foi a questão econômica, o sonho alimentado por Manuel da Bouça de fazer fortuna no além-mar e o sonho de ter melhores condições para si e suas famílias dos estrangeiros residentes em Tefé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao nos perguntamos: quem é o emigrante no final do século XX, no contexto de Ferreira de Castro? Quem é o imigrante atual? “O que busca? De que foge? Por que retorna?” (CAMPOS, 2011, p. 08). Após a leitura crítica do objeto de estudo da presente pesquisa, ou seja, da obra literária *Emigrantes* de Ferreira de Castro, concebeu-se que a literatura é instrumento de reflexão e de denúncia social. A leitura crítica da obra nos mostrou o quanto nossas escolhas têm um poder significativo para si e para quem está ao redor. A obra traz muitas reflexões sobre as atitudes das pessoas e apresenta críticas ao espírito aventureiro do homem, que muitas vezes, por ambição deixa o aconchego de sua família em busca de aventuras, no sentido de procurar o desconhecido, de sair em busca de riqueza e bens materiais.

Nas análises das entrevistas, constatou-se que os emigrantes passam por várias situações difíceis desde o início do seu processo migratório, passam por dificuldades, tanto nas questões sócio-políticas, quanto econômicas. De acordo com os objetivos da pesquisa, as ilustrações textuais mostraram que Manuel adentra o além-mar, motivada pelo interesse aventureiro que permeia o imaginário do colonizador português. As ilustrações transcritas das entrevistas revelaram que o emigrante contemporâneo ainda traça um percurso em busca de

melhorias de vida. A princípio vemos no romance, que não é tão necessário que o lusitano faça o processo de emigração, porque, apesar dele ser de classe socioeconômica baixa, ele poderia viver muito bem com sua família em suas terras, mas o sangue lusitano falou mais alto, e o mito de um sonho prevaleceu, porém a conquista foi frustrada. Com a análise das entrevistas dos emigrantes residentes em Tefé, pode-se afirmar que estes sofrem com o descaso social (preconceito, discriminação) e político (falta de emprego adequado).

Portanto, na realidade contemporânea, a referida questão social e política é atual, o que vem dialogar com o contexto literário de *Emigrantes*. Com referência aos países, há necessidade de política públicas, voltadas para promoção dos direitos dos emigrantes e refugiados, que buscam amparo em outras terras. É preciso leis efetivas que possibilitem o atendimento das necessidades básicas de todos os envolvidos nas questões migratórias que surgem cada vez mais na contemporaneidade.

REFERÊNCIAS

- CAMPOS, Luciene Lemos de. **Migrantes e migrações**: entre a história e a literatura. Revista de História. Campo Grande. MS. V.3.n 5. p. 33-49, Jan/junh.2011.
- CASTRO, de Ferreira. **Emigrantes**. 6. ed. Lisboa: Guimarães, 1943.
- FIGUEIREDO, Monica. **Emigrantes, viajantes e exilados**: uma história de partidas. In: ContraCorrente: revista de Estudos Literários. – v.1. n.1. Manaus: UEA, 2010.
- CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil. Texto aprovado em 1998. (Com alterações posteriores). Senado Federal: Brasília, 2001.
- DIÁRIO DO AMAZONAS. *Refugiados têm boa formação escolar, cita pesquisa inédita*. Jornal Diário do Amazonas. Manaus: 31 de maio de 2019. Disponível em: D24am.com.
- FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de. **Método e Metodologia na Pesquisa Científica**. 3. ed. São Caetano do Sul/SP: Yendis, 2008.
- GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. 2. ed. Manaus: Valer, 2007.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- MAMED, Letícia Helena. **Haitianos na Amazônia**: A morfologia da imigração haitiana pelo acre e o horizonte de inserção precarizada no Brasil. Ruris. vol.1, n. 1, março, 2016.
- MORIZ, Núbia Litaiff. **Estudos sobre Literatura Pan-Amazônica**. Tefé/AM, CEST/UEA, 2017.
- PRIMEIRO ENTREVISTADO (V.A.N.R). **Entrevista concedida à pesquisadora**. Tefé/AM. 15/05/2019.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. **Metodologia do trabalho científico** [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Fev, 2013.
- SEGUNDO ENTREVISTADO (A.A). **Entrevista concedida à pesquisadora**. Tefé/AM. 26/05/2019.
- SPIVAK, Gayatri Charkravorty, **Pode o subalterno falar?** (1942). [Trad. de Sandra Regina G. Almeida, Marcos P. Feitosa, André P. Feitosa]. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**: a questão do ouro. Tradução de Perrone Moisés. 4. ed. São Paulo: Beatriz Fontes, 2010.
- WOLF, Francis. **Civilização e Barbárie**. [Org. por Adauto Novaes]. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.